UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

MISSIELE DE JESUS SILVA

O HERÓI RELIGIOSO NA LITERATURA DE CORDEL- UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Itabaiana/SE
Abril, 2017

MISSIELE DE JESUS SILVA

O HERÓI RELIGIOSO NA LITERATURA DE CORDEL- UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Professor Alberto Carvalho, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano

Itabaiana/SE

Abril, 2017

MISSIELE DE JESUS SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pelo Departamento de Letras de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe – *Campus* Professor Alberto Carvalho, em 17 de abril de 2017.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª. Dr.ª Márcia Regina Curado Pereira Mariano

Universidade Federal de Sergipe

Orientadora – Membro interno

_____

Profa. Dra. Christina Bielinski Ramalho

Universidade Federal de Sergipe

Avaliador interno

AGRADECIMENTOS

As palavras são insuficientes para descrever tamanha emoção de ter chegado até aqui realizando esse grande sonho. Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido força e perseverança para não desistir dessa longa e difícil jornada, que foi preenchida de obstáculos, mas que graças a Jesus consegui contornar. A minha família, pelos exemplos de honestidade, amor e união. A minha mãe Maria Lourdes, primeira mestra, que me incentivou de todas as maneiras para não desistir, com quem aprendi a ter garra e perseverança. A meu pai (*in memoriam*), neste dia sinto a sua presença na saudade de seu abraço dignificante e confortador que me falta, fecho os olhos e sinto você em meu coração. A meus irmãos Marcos, Michelle, José e Marilza, pelo grande apoio e companheirismo me incentivando sempre com todo carinho e amor. A minha avó Cândida, que com toda sua simplicidade e amor me apoiou. A meus sogros, cunhados e cunhadas, meus primos e primas, tios e tias, em especial a tio Galego por estar sempre presente. A Izabel amiga e mestre que me proporcionou meu primeiro emprego, obrigada pela credibilidade e carinho. A Elisângela, Carla, Valdilece, Dealdo, Núbia, Yasmin, e minha parceira Nilza, que me ensinaram o verdadeiro valor de uma amizade com todo amor, carinho e companheirismo; obrigada e a todos os meus amigos que direta ou indiretamente torceram por mim. E não podia esquecer dele, meu amor Nilton, que sempre esteve presente sendo um verdadeiro amigo e companheiro com todo seu amor e paciência. Agradeço a todos os mestres que passaram por minha caminhada, em especial a Christina Ramalho, que proporcionou viagens inesquecíveis e aceitou o convite para ser minha avaliadora no trabalho de conclusão de curso e Márcia Mariano minha orientadora, que além de repartir conhecimentos, proporcionou uma convivência amiga e sincera com todo seu carinho e amor, minha eterna gratidão. Agradeço a padre Francisco, que amo e admiro pela simplicidade, humildade e força, obrigada.

RESUMO

Nosso Trabalho de Conclusão de Curso mostra-se como uma continuação e um aprofundamento do projeto de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFS) intitulado "A construção discursiva do ethos do herói no cordel sergipano'', coordenado pela Profa. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano e desenvolvido junto ao Departamento de Letras do *campus* Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe. Tem como objetivo observar como os oradores do *Cordel da irmã Dulce*, escrito por Antônio Ribeiro da Conceição, de *A última carta do Padre Cícero Romão,* cordel escrito por João Firmino Cabral; e do cordel V*ida e morte de Frei Damião,* escrito por Luiz Alves da Silva, constroem a imagem discursiva de irmã Dulce, Frei Damião e Padre Cícero como santos e heróis do povo. Num estudo interdisciplinar, buscamos o herói épico e o relacionamos ao conceito de ethos discursivo, visto em estudos retóricos e discursivos. Para realizar a análise, baseamo-nos nos seguintes autores: Silva e Ramalho (2007), Luciano (2012), Perelman e Tyteca (2005), Ferreira (2010), Fiorin (2008) e Amossy (2005). Nossa análise aponta, dentre outras estratégias que podem levar o leitor à persuasão, aqui, particularmente, a aceitarem o heroísmo e a santidade desses religiosos, para a utilização dos argumentos de autoridade e do sacrifício, e para a comparação.

Palavras-chaves: ethos; herói religioso; literatura de cordel; retórica.

ABSTRACT

Our Course Conclusion Paper is a continuation and a deepening of the research project of the Institutional Program of Scientific Initiation Scholarships (PIBIC-UFS) entitled "The discursive construction of the ethos of the hero in the Sergipe cordel", coordinated by Profa . Dr. Márcia Regina Curado Pereira Mariano and developed next to the Department of Letters of the campus Prof. Alberto Carvalho, Federal University of Sergipe. Its purpose is to observe as the speakers of the Cordel of Sister Dulce, written by Antônio Ribeiro da Conceição, from the last letter of Father Cícero Romão, a line written by João Firmino Cabral; And the life and death line of Frei Damião, written by Luiz Alves da Silva, construct the discursive image of Sister Dulce, Frei Damião and Padre Cícero as saints and heroes of the people. In an interdisciplinary study, we look for the epic hero and relate it to the concept of discursive ethos, seen in rhetorical and discursive studies. In order to perform the analysis, we base the following authors: Silva and Ramalho (2007), Luciano (2012), Perelman and Tyteca (2005), Ferreira (2010), Fiorin (2008) and Amossy (2005). Our analysis points out, among other strategies that may lead the reader to persuasion, to use the arguments of authority and sacrifice, and to compare, among others

Keywords: ethos; Religious hero; literature of twine; rhetoric

SUMÁRIO

Introdução……...…...…...….....…. 7

Capítulo 1 - Referencial teórico ……10

1.1 A Retórica……..…… 10

1.2 O Ethos……. 12

1.3 O Auditório…… 14

1.4 A Literatura de cordel e o herói épico.....15

Capítulo 2 – Metodologia…….…… 19

Capítulo 3 - Análise dos cordéis…..……. 20

3.1 *O cordel de irmã Dulce…….…….* 20

3.2 *A última carta do padre Cícero Romão……..* 21

3.3 *Vida e morte de Frei Damião .....…….....23*

Considerações Finais…….…… 26

Referências….…… 27

Anexos

INTRODUÇÃO

Nosso Trabalho de Conclusão de Curso mostra-se como uma continuação e um aprofundamento do projeto de pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFS) intitulado "A construção discursiva do ethos do herói no cordel sergipano", coordenado pela Profa. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano; mais especificamente ao plano de trabalho "Os heróis religiosos na literatura de cordel", desenvolvido no período de 01/08/2015 a 31/07/2016, que teve como objetivo Identificar as estratégias argumentativas utilizadas na construção da imagem discursiva (ethos) do herói em narrativas cordelistas e observar a semelhança entre esse herói e o herói épico, caracterizado por se situar no plano histórico e no plano mítico. Nesse projeto já finalizado, analisamos um cordel sobre a vida da religiosa Irmã Dulce, já no TCC que aqui apresentamos, além de retomar e aprofundar o cordel já citado, analisaremos também outros, referentes a Padre Cícero e Frei Damião.

Na análise realizada no projeto de pesquisa citado acima, pudemos observar que, naquilo que é dito no texto, o enunciador tentou criar um ethos de imparcialidade e humildade, dizendo que o público é quem decidiria sobre a santidade ou não de irmã Dulce. No entanto, aquilo que é mostrado, evidenciado pela argumentação, sugere um ethos do enunciador religioso (cristão católico), tradicional e seguro de seu ponto de vista.

Focalizando agora o personagem principal da narrativa, irmã Dulce é mostrada como a real Dulce dos pobres, mas literariamente e discursivamente, considerando a matéria épica do cordel nos seus aspectos também míticos, irmã Dulce é heroína, uma vez que, a partir de seus feitos, elencados no texto analisado e nas narrativas orais, sua figura tornou-se imortal na nossa história.

A literatura de cordel é uma das mais persuasivas formas da cultura nordestina, por isso os cordéis têm tudo para serem enormes parceiros nas estratégias de leitura e compreensão de fatos da atualidade e na valorização das diversas culturas do nosso país. O cordel brasileiro, tido por muitos como literatura popular, tem suas origens no nordeste e é uma das expressões mais genuínas desse povo, evidenciando seus valores, suas crenças, criando heróis para amenizar, muitas vezes, o sofrimento e o descaso com os problemas que enfrenta.

A baiana Irmã Dulce é um desses heróis. Nascida Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes em Salvador, em 1914, foi uma religiosa católica brasileira que se destacou pela caridade e pela dedicação aos pobres e necessitados. Acolhia os doentes e chegou a criar

várias instituições filantrópicas, como o Hospital Santo Antônio. Faleceu em 1992 e em 2011 foi beatificada. Sua história recente mistura-se, por meio dos relatos orais e da literatura popular, aos milagres que lhe são atribuídos e à imagem que ainda povoa a memória do povo nordestino. Entre o real e o mítico, surge uma autêntica heroína brasileira.

Contudo, por tratar-se de um tema vasto para pesquisa decidimos continuar o trabalho no mesmo viés do trabalho citado acima. Deste modo, propomos continuar a pesquisa de conhecer essa imagem discursiva, do ethos do herói religioso no cordel nordestino, de maneira mais abrangente, procurando mostrar esses aspectos também em outros cordéis, fazendo com que o leitor consiga compreender e conhecer melhor a importância da religiosidade e do cordel para o povo nordestino.

Assim, definimos como nosso objetivo principal, neste trabalho, analisar, por meio dos estudos da argumentação e da retórica, a construção do ethos de heróis religiosos na literatura de cordel nordestina, a saber: *Cordel da Irmã Dulce,* escrito por Antônio Ribeiro da Conceição; *A última carta do Padre Cícero Romão,* escrito por João Firmino Cabral; e o cordel V*ida e morte de Frei Damião,* escrito por Luiz Alves da Silva. Como objetivos específicos, traçamos: evidenciar as crenças, os valores e a cultura do herói religioso no cordel nordestino, para possibilitar o conhecimento da linguagem persuasiva cordelista, enfocando a cultura nordestina em prol da valorização das nossas raízes e mostrar a importância dos estudos interdisciplinares, no nosso caso, dos estudos da retórica e da argumentação e dos estudos literários.

Esses personagens religiosos foram escolhidos por sua importância simbólica para os nordestinos católicos. Irmã Dulce, considerada uma heroína pelos seus feitos com os pobres e necessitados, ficou conhecida como a mãe dos pobres. Frei Damião, por sua vez, foi um religioso católico que se dedicou a evangelizar os pobres fazendo peregrinações pelas cidades, seu nome de batismo era Pio Gionnotti, nasceu em Bozzano na Itália em 5 de novembro de 1898, e seu falecimento foi em 31 de maio de 1997. Seu principal feito aconteceu no sítio Riacho do Mel, no município de Gravatá, em que se iniciaram as santas Missões. Já padre Cícero, nascido em 24 de março de 1844 na cidade de Crato, Ceará, e falecido em 20 de julho de 1934, era um grande líder religioso brasileiro que celebrava missas em Juazeiro do Norte, e em uma de suas celebrações foi realizado um milagre, a hóstia consagrada virou sangue na boca de uma mulher, a partir daí ficou conhecido como milagreiro, mas a igreja não aceitou por achar que se tratava de misticismo e o proibiu de

exercer o sacerdócio e assim ele procurou outra forma de ajudar os pobres: entrou para a política e criou escolas, hospitais e moradia para os necessitados.

Com o intuito, pois, de analisarmos como são construídas as imagens discursivas desses personagens religiosos no cordel, retomaremos os estudos de Silva e Ramalho (2007), para a reflexão sobre o herói épico; Luciano (2012), para situar a literatura de cordel; Perelman e Tyteca (2005), Ferreira (2010), Fiorin (2008) e Amossy (2005), para as questões relacionadas à argumentação e ao ethos, dentre outros autores.

Nosso trabalho divide-se nas seguintes partes: no capítulo 1, Referencial teórico, veremos, no tópico 1.1, a origem da Retórica, sua definição e as partes do discurso persuasivo. No tópico 1.2 focalizaremos o conceito de ethos; no tópico 1.3 falaremos do auditório; já no tópico 1.4 falaremos sobre a origem da literatura de cordel e sobre o herói épico. O capítulo 2, Metodologia, traz os passos da elaboração do trabalho, e o capítulo 3 e último mostrará a análise em si dos *corpora* do trabalho e depois vemos as considerações finais e referências bibliográficas.

CAPÍTULO 1 - Referencial teórico

1.1. A Retórica

A Retórica teve início na Grécia Antiga, ela surgiu durante a luta para reivindicar a defesa de terras na Sicília, as quais foram roubadas no século V, em Siracusa, e vivenciou seu ápice até o século XIX. Desde o princípio está ligada ao conflito, pois serviu como instrumento para os donos poderem recuperar suas terras que foram ocupadas por invasores. Apesar de estar ligada desde seu início aos estudos da argumentação, aos poucos foi se transformando apenas na "arte de bem falar", assim, quase tudo que era convincente foi deixado para trás e restaram apenas os estudos das figuras, o que impulsionou sua desvalorização.

A realidade de a Retórica, no tempo antigo, estar voltada apenas para a produção e a análise de textos orais, de se relacionar com os sofistas que não se importavam com a ética e a verdade, e seus estudos centrarem-se em apenas três gêneros específicos: o deliberativo, o judiciário e o epidítico, são outros aspectos que levaram à sua declinação. Mosca (2001), no entanto, nos fala que não devemos falar em extinção da Retórica, por causa da durabilidade das ideias aristotélicas, como afirmam os estudos da argumentação com base aristotélica publicados a partir da segunda metade do século XX, a exemplo do *Tratado da Argumentação*- A Nova Retórica, de Perelman e Tyteca, publicado em 1958, que voltou a conceitos do filósofo estagirita e abriu lugar para a conversa entre esses fundamentos retóricos e outros estudos do texto e do discurso, bem como entre aqueles e outras áreas do conhecimento, como a Educação.

Ferreira (2010) apresenta a Retórica como um exercício dialético que estuda o verossímil. Recorda que a Retórica leva em conta a presença da verdade, isto é, uma reprodução da verdade que se alimenta do controverso, dos ensinamentos prováveis, aqueles que surgem quando não há certezas ou esclarecimentos lógicos, além dos vínculos sociais e econômicos, das crenças e dos valores. Tudo isso é mostrado pelo orador para levar seu auditório a favor de suas causas. Com isso, o orador, para obter seu objetivo, apela-se de meios racionais e afetivos, pois na retórica razão e sentimentos andam juntos. Assim, a prática de persuadir é a de mobilizar-se pelo coração, pela análise do lado emocional, é o discurso elencado nos apelos das paixões do outro. Já o de convencer é o das provas lógicas, é o discurso administrado por meio de apelos ligados ao campo da racionalidade.

Mosca (2001) diz que a Retórica é posta em evidência com a aceitação de transformação, o respeito à alteridade e a consideração da língua como um ambiente de luta das subjetividades. Com base na autora, vemos que Perelman já confirmava que não existe domínio livre da subjetividade. Em seu olhar da argumentação, em suas várias versões, o autor ajuda de forma importante com a Retórica, associando-a às teorias do discurso e da educação, já que existe também nessas teorias a concepção de que a enunciação pressupõe um locutor e um ouvinte e a intenção de influenciar o outro de alguma maneira.

Em sua essência, a Retórica não investiga a mentira ou a verdade dos discursos, mas a construção da verossimilhança, ou seja, de uma imagem da verdade, da demonstração feita nos textos por pessoas que fazem escolhas linguísticas e discursivas, mesmo sendo influenciadas sócio-histórica-culturalmente. Na Retórica, o enunciador (chamado, nesses estudos, de orador) não é um sujeito assujeitado, pois tem intuito, pontos de vista, opiniões e consegue transformar seu enunciatário (o auditório), embora seja influenciado pela ideologia dominante. Na Retórica, o orador é um sujeito de ação. A eficácia de um enunciado persuasivo desse sujeito é indicada pela escolha de determinadas estratégias argumentativas, cujo intuito é causar efeitos de sentido que levam à adesão do auditório.

No campo básico da Retórica, as partes componentes do sistema retórico necessárias para construir um texto persuasivo indicam que é preciso escolher bem os temas e argumentos (i*nventio*); dispor isso no texto (oral ou escrito) (*dispositio*); adequar a linguagem ao auditório, ou seja, escolher bem as figuras para provocar paixões no outro, utilizar linguagem formal ou informal (*elocutio*) e, a partir dessas atividades, emitir o texto construído com a intenção de captar a atenção do auditório e a persuasão (*actio*).

Ferreira (2010) ainda afirma que somos seres retóricos, pois defendemos com muita paixão nossos pontos de vista de "razão", através da língua. Tudo isso acontece porque nós, seres humanos, somos formados por crenças, valores e opiniões, usando da palavra para revelar nossas impressões sobre o mundo, nossos sentimentos, nossas convicções, dúvidas e paixões, enfim, orientar nossas ações, casar interesses e estabelecer acordos que nos permitam conviver em consenso.

Na literatura de cordel, assim como acontece em todo discurso, defende-se um ponto de vista. Como as obras que analisaremos falam de religiosidade, mais especificamente de santos beatificados e pessoas santificadas, nelas defende-se o ponto

de vista cristão-católico, daí temos um ponto de vista que se contrapõe a outros, e isso faz com que sejam textos argumentativos. Dentro dos estudos da argumentação e dos estudos retóricos, entre todos os conceitos que são trabalhados, o ethos foi o escolhido para que pudéssemos observar como é feita a construção da imagem discursiva desses personagens. A seguir, veremos um pouco mais sobre esse conceito.

1.2. O Ethos

Como o objetivo de nossa pesquisa é trabalhar acerca da construção do ethos, mais especificamente do herói religioso, fizemos estudos de alguns capítulos de livros que abordam esse conceito.

Segundo Ferreira (2010), o primeiro ponto a ser observado na construção do ethos do orador é verificar a construção da imagem pública, ou seja, é importante observar se o discurso desse orador cria condições para que o auditório o julgue como digno de fé. Outra característica fundamental é ser capaz de suscitar confiança e para isso deve demonstrar conhecimento da causa, demonstrar honestidade e segurança, ou seja, é a maneira como o orador convence o público de que está pronto para falar sobre o assunto, como o seu caráter ou autoridade podem influenciar a audiência.

Ainda de acordo com Ferreira (2010, p.90), "Modernamente, o termo sofreu ampliação de sua significação e hoje se aceita como ethos a imagem que o orador constrói de si e dos outros no interior do discurso". Como uma construção discursiva, o herói é uma imagem criada pelo orador (enunciador) para conseguir a adesão do auditório (enunciatário) ao seu texto e àquilo que ele propõe. É no texto que interagem diferentes imagens discursivas para a construção do sentido: a imagem que o orador constrói de si mesmo, a imagem que ele constrói dos seus interlocutores e as imagens que ele constrói de outros no seu discurso e que corrobora com todas as outras imagens da instância enunciativa. Aqui, chamamos de ethos a imagem que o orador constrói de si, conforme a tradição retórica, e a imagem que ele constrói de outros, num alargamento do termo.

Assim, podemos afirmar que essa é a definição que tomaremos como base para análise da nossa pesquisa, pois mais do que a construção da imagem discursiva do orador no cordel, o que nos interessa é como ele constrói o ethos de herói religioso para Irmã Dulce, Frei Damião e Padre Cícero.

De acordo com Aristóteles (2011), o termo ethos é um dos componentes do que ele chamou de triângulo retórico. Para o estagirita, esse triângulo é composto pelo ethos, pelo pathos e pelos logos, sendo o ethos a imagem que o orador constrói de si no momento que profere seu discurso; o pathos, a imagem que o orador tem do seu auditório, a qual utiliza para construir seu discurso; e o logos, que, por sua vez, seria o próprio discurso do orador.

Amossy (2005, p. 9), por sua vez, nos diz que, para construir a imagem de si, o locutor não precisa falar sobre ele mesmo, porque, a partir do seu estilo, de suas crenças, de suas competências linguísticas e enciclopédicas é possível obter essa imagem. Com base em Fiorin (2008, p. 139), o ethos é explicitado na enunciação enunciada, que seriam essas marcas deixadas no enunciado às quais Amossy (2005) se referiu. Por conseguinte, algo que deve ser sempre enfatizado na análise da construção do ethos é que essa imagem construída pelo orador não diz respeito ao autor real, mas sim a um autor discursivo, um autor implícito.

Falar em análise do ethos do enunciador seria o mesmo que dizer análise do ator da enunciação, porém Fiorin (2008) vai nos mostrar que há diferentes níveis enunciativos dentro de um texto, são estes o enunciador, o narrador, e o interlocutor.

Atentando-se ao caráter do orador que Aristóteles (2011) menciona, Amossy (2005) nos apresenta o conceito de estereotipagem, este segundo a estudiosa, ocorre quando se pensa o real tendo como base uma representação cultural já existente, "um sistema coletivo cristalizado". Nesse caso, o auditório observa e avalia o orador de acordo com um modelo pré-construído. Isso quer dizer que apenas a partir de um determinado gênero discursivo, ou de questões ideológicas produzidas, o auditório pode criar um ethos prévio do orador. No entanto, esse ethos prévio pode ser confirmado, como também pode ser modificado, pois a imagem do orador é construída no discurso e caracteriza-se a partir da interação verbal, ela é grande responsável pela capacidade de que o orador dispõe para agir sobre seus alocutários.

Fica evidente que o ethos aristotélico é discursivo e não importa para esse ponto de vista o que se pensa ou se fala do orador antes da construção do seu discurso. Já Maingueneau (2005, p. 71) retoma a noção de ethos e afirma que não podemos ignorar o fato de que os enunciatários formam imagens discursivas do enunciador, representações, antes mesmo que ele tome a palavra, tendo em vista que ele está "crucialmente ligado ao ato de enunciação". Quando o enunciador é uma pessoa pública ou uma autoridade, então isso é impossível, pela exposição dada pela mídia, por exemplo. Assim, ao lado da noção

de ethos discursivo, ele propõe a noção de ethos pré-discursivo, a imagem prévia do orador que pode ser confirmada ou refutada em cada enunciação. Segundo ele, de acordo com o gênero do discurso, o ethos pré-discursivo é mais ou menos importante na construção do texto, mas o que vale é o ethos mostrado pelo modo de dizer, evidenciado, e não o ethos dito, ostentado.

Por meio da emoção e da construção de uma imagem de si, o discurso religioso, intermediado pela função do pastor religioso, é capaz em alguns momentos de conduzir o ouvinte a partilhar opiniões e abraçar comportamentos. Suas orações, mostradas pelo propósito do locutor de conduzir o outro a "fazer-crer", é sobrecarregado de métodos discursivos e argumentativos que empregam o ethos como critério. Com isso temos um auditório particular cristão católico. Da mesma forma, os cordéis religiosos também pregam sobre a santidade ou sobre dogmas e, buscando o mesmo auditório particular, também objetivam persuadi-lo.

Meyer (2007, p.35, *apud* Ferreira, 2010, p.90) também tem uma posição para o entendimento do ethos nas novas retóricas:

> Não podemos mais pura e simplesmente identificar o ethos ao orador: a dimensão de uso da palavra é estruturada de modo mais complexo. O ethos é um domínio, um nível, uma estrutura – em resumo, uma dimensão -, mas isso não se limita aquele que fala pessoalmente a um auditório, nem mesmo a um autor que se esconde por trás de um texto e cuja "presença", por este motivo, afinal pouco importa. O ethos se apresenta de maneira geral como aquele ou aquela com quem o auditório se identifica, o que tem como resultado conseguir que suas respostas sobre a questão sejam aceitas.

1.3 O Auditório

Ferreira (2010) diz que, de acordo com a função hermenêutica, é fundamental que o orador não apenas saiba do que está falando, mas que também conheça seu auditório para poder compreender e aceitar as críticas daquele a quem se dirige.

Entretanto, antes de selecionar os argumentos que representarão o logos, é fundamental determinar quem é esse auditório, porém, como afirmam Perelman e Tyteca, não é simples definir o auditório a quem fala o orador, e "[...] essa dificuldade é muito maior ainda quando se trata do auditório do escritor, pois na maioria dos casos, os leitores não podem ser determinados com exatidão." (2005, p. 22). Dessa forma, "[…] em matéria

de retórica, parece-nos preferível definir o auditório como o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação. ” (PERELMAN e TYTECA, 2005, p.22).

Na distinção entre o modelo de argumentação apto a persuadir um auditório universal e um auditório particular, Perelman e Tyteca (2005, p. 31) afirmam que a argumentação *persuasiva* “[…] pretende valer só para um auditório particular [...]” e a *convincente* para “[...] todo ser racional”. Os teóricos ainda acrescentam que para alcançar todos os auditórios (ou um auditório universal) busca-se a objetividade, com o “[…] desejo de transcender as particularidades históricas ou locais de modo que as teses defendidas possam ser aceitas por todos” (p. 29). No entanto, podemos afirmar que o auditório dos cordéis se trata de um auditório particular, por que a maior parte dos leitores são nordestinos, cristãos, e conhecem um pouco da história desses personagens, por isso as obras analisadas não ultrapassam essas “particularidades históricas e locais”. Seu texto não transcende “[...]. As particularidades históricas ou locais [...]”, como deve acontecer numa argumentação dirigida a um auditório universal (PERELMAN e TYTECA, 2005, p 29).

O mérito das especialidades de cada auditório transforma-se em uma exigência antecipada para o sucesso do projeto argumentativo. Para Perelman e Tyteca (2005) esses discursos sobre o entendimento entre orador e auditório deveriam até incentivar o conhecimento da psicologia e da sociologia, com a intenção de especificar as marcas sociológicas e psicológicas dos mesmos. No entanto, para as nossas propostas, validará apontar apenas a adaptação do orador ao auditório com o intuito de fazer a aceitação ou fortalecimento de uma crença. Dessa maneira, é a adaptação do orador ao seu auditório que mostrará a característica da argumentação e as separações de todos os trabalhos necessários com o intuito de conduzir alguém (ou a si mesmo) a acolher uma crença como verídica.

1.4. A Literatura de cordel e o herói épico

A literatura de cordel, conhecida também como folheto, é um tipo de poesia popular reproduzida e distribuída em folhas separadas ou livretos. Suas figuras são feitas através das xilogravuras. Teve influência dos povos franceses, espanhóis e principalmente dos portugueses. O nome cordel está associado à forma de apresentação e venda dos folhetos, presos em barbantes nas feiras, praças e mercados populares. Seu princípio está

relacionado à anunciação de narrativas orais e histórias tradicionais evidente na memória popular.

De acordo com Luciano (2012), a origem do cordel no Brasil teve início no século XVII. Com o início da colonização, os portugueses trouxeram alguns livretos que começaram a se tornar populares. No entanto, o cordel brasileiro e o cordel português são para o estudioso literaturas distintas, com características e temáticas próprias. O cordel realmente brasileiro só se tornou conhecido no século XIX. O autor vai mais além, dizendo que a literatura de cordel não deve ser considerada como literatura popular, pois o trabalho feito por um poeta popular é o mesmo que o feito por qualquer outro poeta e deve ser reconhecido da mesma maneira, ou ainda que todo produto literário é popular, porque vem do povo. Diz também que existem algumas inverdades sobre a literatura de cordel por causa de suas rimas, muitos acham que é uma atividade oral (repente), o que não é verdade.

Menezes (2006, p.10) comenta que a narrativa da literatura de cordel pode ser apontada por pelo menos três períodos característicos: no primeiro período, boa parte dos escritos concentrava-se nos romances de cavalaria; no segundo, na inserção do herói popular nordestino, tipicamente rural; e no período mais recente aparecem os folhetos considerados de “acontecimentos”.

Segundo Terra (1983), os temas acima abordados são diversos. Primeiramente, por influência da Europa, comentou-se bastante em contos medievais a narrativa “A Donzela Theodora”, “A Princesa Malagona” e entre outros temas envolvidos num imaginário vindo na bagagem dos colonizadores. Lentamente, os poetas populares brasileiros foram dando um caráter regional a essa literatura, aliando a ela valores de sua própria cultura. Essa literatura foi contraindo novas formas, inserindo em seu conteúdo aspectos do dia a dia e sentimento dos próprios nordestinos, como é o caso dos heróis, da religiosidade, do misticismo, da vida campestre, da política, dos crimes, do cangaço, das estórias de amor etc.

Ainda não há acordo sobre o princípio do cordel no Brasil, entretanto, é indiscutível a influência do cordel português na constituição do folheto brasileiro, tanto na maneira como na divulgação. Ainda segundo Luciano (2012), dentro da Literatura de Cordel nos deparamos com o que chamamos de “tradição” que são os folhetos que vieram da Europa e chegaram ao Brasil, se adaptaram por aqui e se tornaram os clássicos do cordel.

Nem todo livreto de cordel é uma narrativa. Há folhetos educativos, por exemplo, ou descritivos, que dão conselhos, retratam festas populares etc. Quando narrativo, no entanto, o cordel assume características de um *epos* popular: poema longo, com rimas, que geralmente traz um personagem real que ficou na memória do povo como um herói por seus feitos fora do comum. É a criação popular do mito, sempre ligada à demanda de um povo. (LUCIANO, 2012, p. 16-24)

Segundo Silva e Ramalho (2007), a epopeia apresenta três planos estruturais: o plano histórico, onde é manifestada a dimensão real da matéria épica; o plano maravilhoso, onde a dimensão mítica é manifestada; e o plano literário, onde se manifesta a intervenção criadora do poeta. Na matéria épica é imposta a interação entre esses planos estruturais e as dimensões real e mítica se manifestam. Por esse motivo, é nesse plano que ocorre a transcendência do herói e do relato, elementos importantes na estrutura do gênero épico.

A proposta metodológica de Ramalho (2013) é centrada, em sua base, na *Semiotização da épica do discurso* (1984), de Anazildo Vasconcelos da Silva e Christina Ramalho (2007), na obra *História da epopeia brasileira.* A autora define um breve roteiro para observação dos traços e variações que se apresentam em um poema épico de qualquer época, quando verificadas a contar das categorias simples e importantes que definem o gênero: matéria épica, dupla instância de enunciação, plano histórico, plano maravilhoso, plano literário e heroísmo épico; além de três outras cuja presença, sem ser obrigatória é ao menos inicial: a proposição, a evocação e a separação em cantos.

Antes de descrever rapidamente essas categorias, a autora relembra a origem da investigação crítica feita por Silva, que o levou, posteriormente, a elaborar uma teoria própria. Verificando os protestos épicos que incorporaram o classicismo greco-romano, e se orientando pelas formulações teóricas de Aristóteles, Silva (2007) verificou que, nessas obras, a matéria épica definida como temática resultante da fusão de duas dimensões, uma real e outra mítica, filha da responsabilidade de uma significação mítica ao evento histórico, era extraída dos feitos grandiosos que determinado herói havia realizado e que, por sua grandiosidade, haviam recebido com o tempo uma aderência mítica. Transportado para o poema, o herói era, portanto, um ser que agia tanto no plano histórico quanto no maravilhoso, o que lhe conferia uma dupla condição existencial: real e mítica.

Assim, além dos aspectos já verificados em Aristóteles, o que Silva (2007) fixou como especificidade estrutural de um poema épico foram as duas aproximações das

expressões, lírica e narrativa, sem importar qual das duas seja predominante e a existência de uma matéria épica, inerente à epopeia, na qual os planos histórico e maravilhoso, integrados através da ação heroica, representam, respectivamente, as dimensões real e mítica (e sua fusão) inerentes à experiência humano-existencial que motiva a criação poética. A forma como as aproximações narrativa e lírica incidirão para a elaboração do texto épico e o modo como a matéria épica será apresentada, variarão sempre em função da concepção literária à qual determinado poema se prende. Ou seja, de forma bem simples, a partir dessa proposta, identifica-se como épico ou epopeia todo poema que desenvolva uma matéria épica por meio das duas aproximações das expressões narrativa e lírica. Dentro desses estudos, o que nos interessa é o herói épico, que buscaremos na literatura de cordel.

Diante dessas considerações teóricas, damos seguimento ao nosso trabalho apresentando a metodologia utilizada para alcançarmos nossos objetivos.

CAPÍTULO 2 - Metodologia

Para o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso, primeiro fizemos um levantamento e a leitura de vários cordéis de heróis religiosos e escolhemos os cordéis da *Irmã Dulce*, o cordel *A última carta do padre Cícero Romão* e o cordel *Vida e morte de Frei Damião* (figuras religiosas importantes para o nordeste) sendo que o cordel da irmã Dulce já foi analisado no projeto citado acima. Paralelamente, fizemos a leitura e a resenha dos textos teóricos indicados pela orientadora. Depois partimos para o recorte de versos e estrofes que continham argumentos como: argumento de autoridade, de sacrifício, de comparação, metáforas, argumentos do lugar da qualidade, da essência e outros, que são os nossos critérios de análise.

Todos esses conceitos foram vistos em Perelman e Tyteca (2005), Ferreira (2010), Citelli (2007), Fiorin (2008), Amossy (2005), Mosca (2001). Partimos, então, para a análise dos *corpora*, com um ponto de vista qualitativo, na medida em que não nos importa quantas vezes esses tipos de argumentos são utilizados, mas como eles colaboram para a construção das imagens discursivas desses personagens. Com a análise concluída, passamos à organização do trabalho de acordo com as normas e à revisão, para que possa ser submetido à apresentação e posteriormente à publicação.

CAPÍTULO 3 - Análise dos cordéis

3.1 O cordel de irmã Dulce.

Nossa análise aponta, dentre outras estratégias que podem levar o leitor à persuasão, para a utilização dos argumentos de autoridade, de sacrifício, de comparação, do lugar da qualidade, da essência e outros. Mostraremos a seguir como percebemos tais fatos. Por exemplo: nas três primeiras estrofes o autor utiliza o argumento de comparação, "que serve para avaliar uma pessoa ou objeto em relação a outra" (FERREIRA,2010, p.161). Nesse caso, ele compara a irmã Dulce com Santo Isidoro, São Benedito e Santo Antônio:

Santo Antônio tudo fez para não ver injustiça
Livrou o seu pai da forca
E não fez falta na missa;
Por ter sido santo em vida
Tem hoje o valor que tem

Irmã Dulce pelos feitos
É santa em vida também
Cascata de amor puro
Da horta do Sumo-Bem;
Se compara aos feitos de Santo Isidoro o Lavrador
Ou aos de São Benedito
Que foi um homem de cor
Fez comida virar flores
Na presença do Prior.

Ainda nas estrofes acima encontramos também o argumento de autoridade: "para quem tem prestígio, caráter, o *ethos* da pessoa é o fato crucial para a validação das intenções" (FERREIRA, 2010, p.166). É o caso dos santos, por já serem beatificados e canonizados.

O cordelista também chamou nossa atenção quando, na 5ª estrofe, utiliza uma metáfora: "quando a significação imediata de um termo é substituída por outra com a qual

mantém relação de semelhança ou subentendido" (CITELLI 2007, p.21), para evidenciar que essa heroína já nasceu com uma missão a cumprir:

Mil novecentos e quatorze
É o ano referido
Que nasceu nossa Irmã Dulce
Com o espírito prevenido
Para dedicar a vida ao menos favorecido.

Outro argumento encontrado é o pelo sacrifício: "argumento de comparação que ressalta o sacrifício a que se está disposto a sujeitar-se para obter o resultado" (FERREIRA, 2010, p.161). Vejamos na seguinte estrofe:

Contendo apenas 6 anos a sua mãe faleceu
Grande taça de amargura nossa Irmã Dulce sofreu
Mas com fé força e coragem
Enfrentou tudo e venceu.

Ainda para evidenciar que a irmã Dulce já era diferente desde o nascimento, podendo servir como modelo para os homens, o orador utiliza a adjetivação para caracterizar a santidade da irmã Dulce: mulher dedicada, de fé, força, coragem, meiga, prudente, resistente, dentre outros adjetivos.

3.2 *A última carta do padre Cícero Romão*

Começamos a análise do texto selecionado observando a utilização de estratégias argumentativas inesperadas, cujo objetivo é provocar paixões no auditório. Nas estrofes abaixo encontramos o auditório particular e o auditório universal em que o cordelista, uma hora fala para o auditório particular quando ele diz assim nos versos: "*quem for católico romano deve prestar atenção/as últimas palavras de padre Cícero Romão; e quem não tem remédio/ remediado esta/ paciência e humildade fazem o cristão se salvar".* Aqui ficar evidente que se trata de uma auditório particular, o cristão católico romano. Já nos versos "*quem fizer esta leitura publique direito para toda humilde criatura/ esta carta é um conselho da santa religião mostrando o caminho certo a toda*

população”, vemos que ele fala para um auditório universal dirigindo se para qualquer pessoa não importa que seja católico ou não. Percebe-se então que o cordel não tem só como objetivo atingir o auditório particular, os católicos, mas também o auditório universal falando para todas criaturas do mundo sem levar em conta a religião. Como o cordel traz a carta de Padre Cícero, pode se deduzir que é essa imagem que o orador quer passar dele também.

Na carta de padre Cícero observamos também a existência de argumentos dos lugares retóricos. Segundo Ferreira (2010), lugares retóricos são depósitos de alguns tipos particulares de argumentos, utilizados para estabelecer acordos com o auditório. Os argumentos do lugar da ordem, por exemplo, ”afirmam a superioridade do anterior sobre o posterior, ora da causa, dos princípios, ora do fim ou do objetivo. ” (FERREIRA, 2010, p.73). Nos versos a seguir veremos a enumeração de problemas/acontecimentos que serão vividos pelos cristãos (Padre Cícero, nascido em 1844, traz na sua carta uma previsão para anos futuros) relacionados a uma ordem temporal, marcando o lugar da ordem. “*Vantagem nenhuma traz porque a seca é geral/ para todo mundo ver começam a aparecer os membros de satanás/ entrando setenta e seis piora a situação pois a carestia aumenta. ”*

Outro lugar encontrado em alguns versos foi o da essência, que “afirma a superioridade dos indivíduos que melhor representam a classe à qual pertencem, seres que são modelos bem caracterizados de uma essência, aquele que encarna melhor um padrão, uma função. ” (FERREIRA, 2010, p.74). Percebamos na estrofe selecionada: “*Virgem senhora das dores*/*Rainha Mãe dos aflitos/Rogai pelos pecadores/Por nossos olhos benditos*/*Tendes de nós compaixão*//*E com a vossa benção/Nos defendei dos conflitos! ”*

Na mesma estrofe acima percebemos uma intertextualidade: “A intertextualidade pode ser definida como a referência explícita ou implícita, em um texto, a outros textos – epígrafe, citação, paráfrase, paródia, tradução, referência, alusão - do mesmo autor ou de outros autores, que pode ser recuperada ou identificada pelo leitor/ouvinte. ” (MARIANO, 2016, p.125). Vemos essa estratégia quando o autor fala nos versos: “*virgem senhora das dores/ rainha Mãe dos aflitos”. O* cordelista faz uma intertextualidade através das palavras e dos ritmos das orações de Nossa Senhora: a Salve Rainha ou a Ladainha de Nossa Senhora, fazendo com que o leitor se identifique e lembre dessas orações já que o cordel está falando para cristãos católicos.

O cordelista ainda nos chamou atenção em alguns versos da carta de Padre Cícero para o argumento de causa e consequência, é quando uma específica causa provoca uma determinada consequência, é coerente concluir que causa e consequência estão ligadas, mas é necessário provar por que razão isso acontece. No texto o cordelista deixa isso bem claro nas seguintes passagens: *"esta carta é um conselho da santa religião mostrando o caminho certo a toda população/ por causa do mau cristão que vive na vaidade e sua devassidão esse vai sofrer demais/esse povo que não crê nas palavras do messias não crê na religião sofre muito nesses dias. "* Esse argumento de causa e consequência na verdade também é uma previsão que Padre Cícero faz do que pode acontecer com o homem se não seguir os mandamentos da igreja. Nos versos *"já muito cansadinho/ disse: eu irei desta vez/ rogar a nossa senhora/ no céu por todos vocês"* temos o argumento do sacrifício já visto na irmã Dulce; aqui padre Cícero aceita a morte como algo de positivo, pois, de acordo com a sua fé, no céu vai poder falar com Nossa Senhora e intervir pelos homens.

3.3 *Vida e morte de Frei Damião*

O cordel acima selecionado trata-se de uma biografia de Frei Damião em que o cordelista vai fazer uma descrição da vida e da morte do religioso e de alguns fatos de sua trajetória.

De acordo com os estudos retóricos, as figuras estão localizadas na *elocutio*, parte do sistema retórico que evidencia o trabalho linguístico e discursivo do sujeito na busca pela adequação do texto ao auditório. Segundo Mosca (2001, p.29), na *elocutio* encaixam-se as virtudes que caracterizam o "bem dizer: correção, clareza, concisão, adequação, elegância", estabelecendo uma negociação da distância entre expressão e conteúdo.

No *Tratado da Argumentação:* a nova retórica, Perelman e Tyteca estabelecem algumas figuras de acordo com seus efeitos concretos no discurso. As figuras de presença são aquelas que vêm para manter no texto a presença daquilo que está sendo falado, como acontece no uso de muita repetição, ou de paráfrases, que tem como objetivo convencer o outro pela exaustão; as figuras de escolha dizem respeito à seleção de estratégias, que podem ir desde o dialeto até escolhas discursivas, inclusive a escolha de um tema pode ser uma figura de Argumentação e Retórica, caso o tema seja inesperado; nas figuras de comunhão, espera-se que o outro entre em comunhão com o orador, por meio do uso de

exemplos, linguagens ou conhecimentos em comum entre o orador e o auditório. Nota-se a utilização dessa figura no cordel quando o autor descreve a comoção da morte de frei Damião pelo povo, isso faz com que o leitor sinta uma presença muito profunda daquele momento, chegando até a imaginar que vivenciou e sentiu a morte como aconteceu. Observemos as estrofes do cordel que mostram isso: "*Quando a notícia se espalhou/por rádio e televisão/ em jornais e revistas/ passando de mão em mão/uns rezavam outros choravam/ era uma grande emoção; lá na basílica da penha/o povo se reuniu/velaram por quatro dias/dali ninguém saiu/para acompanhar o enterro/na hora que ele seguiu. "*

As figuras de escolha impõem características próprias a cada texto e revelam o trabalho do orador na seleção dos elementos linguísticos. Essas escolhas do falante incluem os sinônimos, o uso de termos não habituais; as perífrases; a descrição; a escolha de tempos verbais e de estruturas sintáticas, etc. Vejamos essa figura nos versos: " *formou-se em TEOLOGIA, FILOSOFIA E depois também em DIREITO CANÔNICO.* Percebe – se que o cordelista coloca o nome dos cursos em maiúsculo para chamar a atenção do leitor para a formação acadêmica de Frei Damião, fazendo com que o auditório o aceite como autoridade, preparado para o cargo religioso.

Como já visto no cordel da irmã Dulce, o argumento do sacrifício reforça o ethos do nordestino cristão caridoso. Sacrifício esse que os santos fazem desde o início da história deles, como nos trechos abaixo: "*e aos 19 anos/o exército o convocou/ foi soldado por três anos/os seus estudos parou/porém não morreu na guerra / porque deus o preservou; em 1931 decidiu deixar a terra natal/e embarcar para o brasil; em mais de 60 anos/ viajou sempre pregando/ sobre o céu e o inferno/ e o fim do mundo chegando; "*

Ainda no cordel vemos também a presença do argumento da superação, que "pretende exaltar a finalidade. Parte de uma insatisfação inerente ao valor de algo, " (FERREIRA, 2010, p.165). Vejamos as estrofes: "*quando terminou a guerra/ voltou para congregação/ continuou os estudos/da sua religião; chegou na praça da penha/ se dirigiu ao convento/ foi recebido por todos/ irmãos naquele momento/que cheios de alegria/ lavaram para dentro. " P*ercebemos que aí frei Damião supera todos os obstáculos da guerra e continua sua missão.

Perelman e Tyteca (2005, p. 95) definem os lugares como "[...] as premissas de ordem geral que permitem fundar valores e hierarquias [...]" e propõem outras noções que

visam organizar os argumentos, dentre elas, as de lugares da quantidade, que "são lugares comuns que afirmam que alguma coisa é melhor que a outra por razões de quantitativas. " (PEREMAN e TYTECA, 2005, p.97). Tais lugares ficam claros quando o autor cita os seguintes termos no cordel: "*três dias depois; em mais de 60 anos viajou pregando; e com três diplomas; "*

Assim também como a irmã Dulce, Frei Damião vai do real para o mítico pela mudança de nome: "*nome pio Giannotti/ no batismo recebeu; completou 16 anos/no mês de maio ingressou/na ordem dos capuchinhos/onde deus o colocou/no dia 11 de julho/ali seu nome trocou"* e assim como ela a também *"passou a ser conhecido/ por nome de Damião. "* Do mesmo modo, assim como percebemos na irmã Dulce, Frei Damião já nasceu com uma missão para se cumprir. Vejamos na estrofe a seguir: "*foi em 1910 já com 12 anos/que entrou na escola/ seráfica de Camigliano/estudou religião/e sentiu Deus lhe chamando. "* Ficando claro que se trata também de um herói religioso nato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa retomada dos estudos sobre o cordel permitiu evidenciar que uma característica – que é tão bem marcada e até mesmo definidora pelos autores aqui citados – é que não há uma concordância da origem do cordel no Brasil. Enquanto Luciano (2012) defende que o cordel teve origem depois que o renascimento popularizou a impressão de relatos feitos oralmente por trovadores, já Terra (1983) diz que a origem do cordel aconteceu a partir de contos medievais trazidos pelos colonizadores. No entanto, mesmo com opiniões diferentes, esses autores não deixam o foco do nosso trabalho que é a presença do herói, a religiosidade e misticismo. Já a retomada dos estudos épicos aproximou nosso herói religioso do herói épico, caracterizado pela fusão do real e do mítico.

A partir das análises realizadas, pudemos observar um ethos do enunciador religioso (cristão católico), tradicional e seguro de seu ponto de vista. Já os religiosos Irmã Dulce, Frei Damião e Padre Cícero, considerando a matéria épica do cordel nos seus aspectos também míticos, são heróis, principalmente para o povo nordestino, já que seus feitos os tornaram imortais.

Partindo do pressuposto de que somos sujeitos sociais, podemos afirmar que, ao enunciar construímos, além do ethos individual, um ethos coletivo que nos identifica como participantes de um grupo, refletindo seus valores, sua ideologia e sua cultura (MARIANO, 2012). Nesse sentido, os autores dos cordéis, oradores autorizados, também criam na literatura de cordel um ethos do povo nordestino como católico, cristão, crente em Deus, místico, esperançoso…

Esperamos que nosso trabalho tenha atingido também o objetivo de chamar a atenção para a literatura de cordel e para a riqueza da cultura do Nordeste, incentivando outras pessoas a quererem conhecer mais sobre isso.

Referências

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (org.) **Imagens de si no discurso:** a construção do *ethos.* São Paulo: Contexto, 2005. p. 09-28.

ALVES, Luiz da Silva. **Cordel vida e morte de frei Damião**. São Paulo: Editora Luzeiro, 2014.

ARISTÓTELES. **Retórica.** Trad. De Edson Boni. São Paulo: EDIPRO, 2011.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão.** São Paulo: Ática, 2007.

FIORIN, J.L. **Em busca dos sentidos** – estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.

FIRMINO, João Cabral. **Cordel da última carta de padre Cícero Romão.** [S. l.: s.n.]**,** 2003.

FERREIRA, L.A. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010.

LUCIANO, Aderaldo. **História crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro: Adaga, 2012.

MARIANO, M.R.C.P. A construção da imagem discursiva de uma cidade e de um povo na literatura de cordel. In: MARIANO, M.R.C.P.; SANTANA, F. P. **Diversas faces de Itabaiana:** análises de imagens discursivas da Cidade dos Caminhoneiros. Aracaju: ArtNer, 2016. p. 97-115.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso:** a construção do *ethos.* São Paulo: Contexto, 2005. p.71 a 80

MENEZES, Diatahy B. de. **Das classificações Temáticas da Literatura de Cordel**: Uma querela inútil. Disponível em: <http://www.secrel.com.br/jpoe sia/ediatahy01c. html>. Acesso em: 20 nov. 2015. (O nome do artigo não vem em negrito, mas o nome da revista em que ele foi publicado. Veja neste link aqui e refaça a referência: http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revletras/article/view/1940)

MEYER, M. Logique, **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007. p.35

MOSCA, L. do L. S. Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos. In: MOSCA, L. do L. S. (org.) **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 2001, P. 29.

PERELMAN C. e TYTECA, L.O. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.22 a 97.

RIBEIRO, Antônio da Conceição. **Cordel da irmã Dulce**. [S. l.: s.n.], 2008.

SILVA, Anazildo V.; RAMALHO, Christina B**. História da epopeia brasileira:** teoria crítica e percurso. Vol. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

TERRA, Ruth. **Memórias de lutas**: literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930). São Paulo: Ed. Global, 1983.

ANEXOS (cordéis completos)

Cordel da irmã Dulce

Santo Antônio tudo fez para não ver injustiça
Perfídia, ganância, ódio, falso, maldade e cobiça,
livrou o seu pai da forca
E não fez falta na missa.

Por ter sido santo em vida
Tem hoje o valor que tem
Irmã Dulce pelos feitos
É santa em vida também
Cascata de amor puro
Dá horta do Sumo-Bem

Se compara aos feitos de
Santo Isidoro o Lavrador
Ou aos de São Benedito
Que foi um homem de cor
Fez comida virar flores
Na presença do Prior

Dia 26 de maio
Crescia a água nas fontes
Anunciando para o mundo
Muito além dos horizontes
Que nasceu Maria Rita
Souza Brito Lopes Pontes

Mil novecentos e quatorze
É o ano referido
Que nasceu nossa Irmã Dulce
Com o espírito prevenido
Para dedicar a vida
Ao menos favorecido

Contando apenas 6 anos
A sua mãe faleceu
Grande taça de amargura
Nessa Irmã Dulce sofreu
Mas com fé força e coragem
Enfrentou tudo e venceu

Foi uma forte criança
Teve doce adolescência
Foi meiga com as bonecas
Revestida de prudência
Soltou pipa e jogou bola
Com a maior resistência

Um dia Maria Rita
Foi levada pela tia
Para conhecer de perto
O que a pobreza sofria
E como viviam os pobres
Morando em periferia

Percorreu todos albergues
Da antiga Salvador
Em favelas e palafitas
Presenciou tanto horror
Que preferiu ser um bálsamo
Para aplacar a dor

Irmã Dulce conheceu
Da vida todos os lados
Depois que foi aos albergues
E viu os necessitados
Passou a cuidar dos velhos
E acolher abandonados

Trocou todos os seu brinquedos
Pela ação de caridade
Parecia outra pessoa
Porque na realidade
Seus feitos passaram a ser
O exemplo da cidade

Pobre, doente e mendigo
Velho e menor carente
São os primeiros da fila
Tendo Irmã Dulce presente
Seu mundo de caridade
Abriga toda essa gente

Com sua visita aos pobres
Ressurgiu um novo ser

Se ocultou Maria Rita
Para Irmã Dulce nascer
Aprendeu fazer o bem
Pra nunca mais esquecer

Maria Rita novinha
Já era acostumada
Cuidar de todos os carentes
Que chegavam na calçada
Mas os seus atos deixavam
A família preocupada

Dr.Augusto seu pai
Teve que um dia entender
O caminho religiosos. Que ela quis
percorrer. Deixou ir para o convento.
Para cumprir seu dever.

Nesse tempo já havia. Se formada em
magistério
Solenidade e anel
Não quis. Não sei se o mistério
Era porque não levava esta formatura a
sério

para fazer noviciato. No estado
sergipano. No convento são Cristóvão
Seguia um anjo baiano. Para buscar
força divina
E servir o ser humano.

No ano de trinta e quatro. Com vinte
anos de idade
A sorte lhe fez surpresa. Testando a sua
bondade. Foi designada para. Servir na
sua cidade.

Desta vez nossa Irmã Dulce
Mostrou mais uma façanha. Veio para a
sua terra. Venceu mais uma campanha
Para não dizerem que santo
Só é bom em terra estranha.

Veio para a sua terra
Abriram exceções para ela
Deus revelou seu futuro
Em uma brilhante tela
Por saber que a Bahia
Precisava muito dela.

No Sanatório Espanhol
Foi trabalhar de enfermeira
Pacientes adoravam
Por ser pacata e ordeira
As mãos mais leves já vistas
Numa mulher brasileira

Foi ao Santa Bernadete
Ensinar geografia
A madre provincial
Lhe autorizou um dia
Agir fora do convento
Como ela pretendia

Tendo esta liberdade
A Irmã respirou fundo
Continuou os seus feitos
Dedicando amor profundo
E fez a obra que hoje
Serve de exemplo ao mundo.

Um dia lhe procurou
um pequeno jornaleiro
lhe pedindo amor e pão
sem jornal e sem dinheiro
pois só trazia contigo dores, fome e
desespero.

A malária combatia
O menor abandonado
A guerra assolava o mundo
O povo estava assustado
E o avanço a grande obra
Nesse momento foi dado.

Dor nos ossos, calafrio
Febre, desmaio, agonia
Um agasalho e remédio
Era o que ela pedia
“Não deixe eu morrer na rua”
Agonizando dizia

Ela medicou com zelo

Lhe deu alimento quente
Mas agasalho não tinha
Ficou muito impaciente
Foi quando a ilha dos Ratos
Penetrou na sua mente

Ali no ambulatório
Não tinha com deixar
"Não deixe eu morrer na rua"
Ficou a frase a zoar
Dentro da sua cabeça
Tentando lhe dominar

É mesmo a ilha dos Ratos
Pensou ela decidida
Pegou na mão do menino
E caminhou resolvida
A enfrentar qualquer coisa
Mas salvar aquela vida

É certo que a criança
Estava muito abalada
A malária já estava
Altamente adiantada
O pouco com Deus é muito
E o muito sem Deus é nada

Venha comigo meu filho
Deus há de ser pela gente
Tem casas desocupadas
Alguns quarteirões na frente
E uma será abrigo
Pra esse menor carente.

Ia passando um banhista
Ela pediu por bondade
"Arromba aqui essa porta"
Ele disse: Deus me guarde
Paga caro qualquer um
Que invadir propriedade

Ficou doida, irmã, ficou?
O banhista disse assim: "Quer invadir
casa alheia
Ainda vem pedir a mim
Essa casa tem um dono
E ele vai achar ruim".

"Eu sei que ela tem dono
Mas arrombe, por favor
Deixe pela minha conta
Estou pedindo ao senhor
Quero é arranjar abrigo
Para um menor sofredor"

Deus nos dá tudo de graça
Não nega nada a ninguém
Esta criança precisa
Ser cuidada por alguém
Ela confiou em mim
Não vou lhe negar também

O homem arrombou a casa
Irmã Dulce tomou conta
Em menos de dez minutos
Já tinha uma cama pronta
Ela deitou o menino
Sem temer qualquer afronta

A pequenina Irmã Dulce
Para ele parecia
Hércules, Tarzan, ou Sansão
Heróis que ele conhecia
Tendo belíssimas manchetes
Nos jornais que ele vendia

Foi na bodega mais próxima
E comprou para o menino
Leite, Bolacha, um fifo
Retornou cantando um hino
Dando graças a Maria
E agradecendo ao Divino

Trouxe consigo também
Uma conhecida dela
A senhora florentina
E recomendou a ela
Que não o deixasse só
Numa hora como aquela

Lhe deu leite com bolacha
Acendeu o candeeiro
Abraçou a Florentina

Voltou a porta ligeiro
Rezando e pedindo a Deus
Saúde para o jornaleiro

Sem cansaço e sem assombro
Partiu ela destemida
Com dúvida do amanhã
Mas bastante agradecida
Por ter amarrado a morte
Que acabava uma vida

O pequeno jornaleiro
Confortado e atendido
Foi um de uma sequência
De um número indefinido
Que sem o seu amor puro
Antes teria morrido

Aquele primeiro ato
Da peça do bem amar
Tem Irmã Dulce no centro
Com classe para encenar
O palco é a ilha dos Ratos
O teatro do penar

Sendo a primeira visita
Na manhã do outro dia
Disseram que na Ribeira
Uma cancerosa havia
Em uma tamarindeira
E o poder público não via

Caia a segunda porta
Se alastraram os boatos
Uma freira arromba as casas
Ali na Ilha dos Ratos
E o dono se apressou
Para se inteirar dos fatos

Logo depois lhe disseram
Lá na Rua da Lanterna
No bairro Massaranduba
Um homem afracou a perna
Devido a tuberculose
E caiu numa caverna

Arranjou uma carroça
E foi buscar o doente
Com um sofrer desmedido
Muitas dores, corpo quente
Assim a ilha dos Ratos
Teve o terceiro cliente

Ai a terceira casa
Foi rapidamente arrombada
A grande ilha dos Ratos
Passou a ser povoada
Por pessoas queda vida
Já não esperavam nada

Estes atos referidos
Foram o marco inicial
Da grande batalha histórica
O bem combatendo o mal
Até chegar o que é
Um grande e amplo Hospital

Por não ser feito escondido
Ela assumia as ações
O dono das casas fez
Denúncias as repartições
E o Chefe do Quarto Centro
Quis saber explicações

Convocou a invasora
No caso “mãe da pobreza”
Ela contou a história
Porém saiu com certeza
Que o Chefe não entendeu
A sua ação de grandeza
Ficou de averiguar
Porém deu diante mão
Opiniões a respeito
Falando de invasão
Respeito a propriedade
Direito e obrigação

Correção de atitude
Deu explicação também
Porem o respeito a vida
Ele deixou muito além
Por que isso é uma coisa

Que nem todo mundo tem

Preocupada Irmã Dulce
Foi a ilha novamente
Fez visita a todos eles
Pediu encarecida mente
"Rezem que as coisas tomaram
Um destino diferente"

Assim ela saiu
O diretor veio ver
Aquele canto polêmico
Não gostou de conhecer
Aqueles corpos esqueléticos
Todos mortos sem saber

Com mais dois funcionários
Entrou de cenho cerrado
Olhou uns trinta minutos
Foi ao armazém vexado
Comprou comida, entregou
Saiu muito mais zangado.

À tarde Irmã Dulce veio
Os doentes lhe falaram
Como ele tinha agido
As comidas que ganharam
Mas do jeito que saiu
Bastantes tristes ficaram.

Dois dias depois o dono
Das casas entrou em ação
Falou alto ameaçou
Irmã Dulce de prisão
Mas ao sair deu a prova
Que abrandou o coração

Pediu que nenhum doente
Para ali não carregasse
E aqueles que estavam
Ficavam até que ela achasse
Um outro canto pra ir
Ou até que Deus chamasse.

As casas iam entrar em obras
Irmão Dulce prometeu
Arranjar outro lugar
Pra levar o povo seu
Agora vejam os senhores
O outro bolo que deu

Não se esperava que ela
Solucionasse assim
Os arcos do viaduto
Da igreja do Bonfim
Foi o lugar escolhido
Mas o prefeito achou ruim.

Wanderley de Pinho falou
Com preconceito e racismo
"Colocar mendigo aqui?
Irmã, eu acho um abismo
Não vê que esse lugar
É um ponto de turismo?".

O chefe do quarto centro
Foi brando diante dos fatos
O prefeito inconsciente
Foi ferrenho em seus atos
Pior que o dono das casas
Da grande Ilha dos Ratos.

Irmã Dulce arrebanhou
Seu grupo necessitado
Pra o Jardim da Madragôa
Onde havia um mercado
Que era de vender peixe
Mas estava abandonado.

A vizinhança ajudava
Os doentes estavam bem
Mas quando o pobre dá sorte
Espere que o azar vem
O prefeito proibiu
Que ficassem ali também.

Irmã Dulce arrebentou
Os grilhões do preconceito
Os das descriminações
Os que sonegam direito
Até achar um lugar
Que seu povo fosse aceito.

O chefe do quarto centro
Perseguiu mas entendeu
O dono das casas velhas
No final compreendeu
E o prefeito envergonhou-se
Das ordens duras que deu.

A fruta só dá no tempo
Ninguém perde por esperar
Chegou o dia que vimos
O chefe lhe respeitar
O prefeito entender
E o governo apoiar.

Hoje presidente sai
Decretado pra lhe ver
Sua santidade o papa
Em visita ouvir dizer
"Sua obra agrada a Deus
Faça pra o mundo aprender".

No Hospital Santo Antônio
Desde quando começou
Tem uma filosofia
Até hoje não mudou:
"Por aí ninguém me quis
Aqui alguém me apoiou".

O mundo adora seus feitos
O Brasil ama seus atos
A Bahia é grade prova
Dos seus lauréis e status
A mesa que Jesus forra?
satanás não quebra os pratos.

Sei que Deus não me castiga
Porque lhe chamo de Santa
Mesmo sem força dá força
Não janta, mas serve janta
Falta dinheiro e saúde
Mas sua coragem encanta

O Hospital Santo Antônio
A todo mundo pertence
De parar as suas obras
Minha Santa Irmã, nem pense!
Quem se encosta em Deus não cai
Quem luta com amor vence.

Que fortuna todo ano
É gasta no carnaval!
Quanto dinheiro se queima
Em manobra fluvial?
E quanta fome em albergue
Orfanato e hospital?

Do nada você faz tudo
Para idoso e menor
Salva vida, mata fome
Trabalha, verte suor
Com algumas Irmã Dulce
Seria o mundo melhor.

Orfanato em Simões Filho
E hospital em Roma
Que gastam cifras diárias
Sem você possuir soma
Provam muito bem o dito
O que Deus dá ninguém toma.

O mundo não fala em guerra
Quando escuta a sua voz
Seus olhos transmitem
Igualmente a dois faróis
'Jesus lhe pague Irmã Dulce"!
Santa Irmã de todos nós.

Irmã Dulce deve estar
Mas do que realizada
Não concluiu a tarefa
Mas está adiantada
Semeou cravos e rosas
Nas curvas da sua estrada.

Neste Brasil ninguém fez
O que Irmã Dulce faz
Santa Irmã Deus lhe dê força
Para fazer muito mais
Que o mundo não lhe negue
O Prêmio Nobel da Paz.

Autor: Antônio Ribeiro da Conceição –